



CONSTRUÇÃO

Crítica da obra *Performance: Galeria de Obras Experimentais de Arte-Performance*, concebida pela 20ª Turma do curso técnico em Teatro – Senac Araraquara, apresentada no âmbito na 35ª Semana Luís Antônio Martinez Corrêa

Por Camila Freitas Franco

As performances da 20ª Turma do curso técnico em Teatro, do Senac Araraquara, preencheram todo o salão principal do Palacete das Rosas nessa última segunda-feira, dia 19 de junho. Nesse espaço os artistas criaram um caminho de percurso livre no qual o público era convidado a transitar de forma simultânea e interativa, o que possibilitava a construção de uma experiência única.

Partindo da premissa de que é possível estabelecer um tema comum a todas as performances apresentadas, alguns elementos chamam atenção.

Indivíduo e ambiente se misturam nessas interações e o resultado é que nós somos provocados a presenciar e interferir nesses desafios, possibilitando além da reflexão proposta também um mergulho interior.

Imposição, projeção e arrependimento são aspectos que emergem desvelando as marcas que o mundo deixa nesses corpos. Corpos em movimentos, em transformação e também imobilizados. Corpos silenciados e anulados pelo “outro”, pelo julgamento de terceiros. Subjetividade e ordem entram em conflito para desequilibrar o que se assume como ideal e o que de fato é real. A construção da imagem me parece ser o que move toda a percepção dessas performances.

Se por um lado “Caixa de coisas não ditas”, de Vitória Chiossi, “Veja-me”, de Luana Rocha, “O intervalo”, de Bob e “Cerimônia do chá com o desconhecido”, de Link, tratam da questão da incomunicabilidade e da dificuldade de estabelecer uma ligação sincera e um espaço seguro de escuta, “E.X.P.O.S.I.Ç.Ã.O”, de Samira Arruda, “A Sós”, de Júlia Flores, e “Reflexo”, de Junior Roque, tratam, de forma mais explícita, do impacto da opinião dos outros na trajetória particular de cada indivíduo, da maneira como muitas vezes a construção homogeneizada afeta quem não se encaixa em certos padrões ou rompe com ideais existentes.



Já “Aposte na sorte”, de Renato Victor, “Estômago”, de Esdruxula e Agatha, e “Presente futuro”, de Junior Freedom parecem dialogar sobre os impactos de nossas decisões e sobre os limites aos quais o corpo é submetido na ânsia de atender às expectativas externas, numa constante tentativa de acertar que só aprofunda os traumas e gera sofrimento.

Vale ressaltar “Panapaná”, de Guhs, que tensiona a questão do gênero a partir da roupa, brincando com a fluidez dessa construção de identidade e também do corpo enquanto espaço lúdico de criação, mutável e subjetivo. E também “A coisa tá preta”, de Nathiele França, performance na qual indivíduo e coletivo se misturam, trazendo a questão racial para a centralidade do debate e do conflito que há em nosso país, fazendo uso de objetos simbólicos nessa disputa de poder, como a carteira de trabalho e o canudo do diploma, para evidenciar através do corpo da atriz as marcas concretas da opressão.

O corpo se coloca enquanto agente, vitimado, mas também em movimento nem que seja simplesmente em protesto. Atento e forte.

* Este texto é um desdobramento prático-pedagógico da ação formativa “*Introdução à crítica teatral: por uma poética do olhar*”, ministrada por Guilherme Diniz (MG), como parte da programação da 35ª Semana Luís Antônio Martínez Corrêa *

Apoio:



Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

Parceria:

Realização:

Secretaria Municipal de Cultura e Fundart



Prefeitura Municipal de Araraquara